

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRO-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA - PROEAD
PEDAGOGIA PARFOR/CAPES/UEPB**

ADÉLIA GOMES DE SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Desafios enfrentados nas séries iniciais**

GUARABIRA/PB

2014

ADÉLIA GOMES DE SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Desafios enfrentados nas séries iniciais**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, PARFOR, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Luciene Vieira de Arruda.

GUARABIRA/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719a Souza, Adélia Gomes de
Alfabetização e letramento [manuscrito] : desafios enfrentados nas séries iniciais / Adélia Gomes de Souza. - 2014.
38 p. : il. color.


Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Luciene Vieira de Arruda, Secretária de Educação à Distância".

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Aprendizagem. I. Título.
21. ed. CDD 370

ADÉLIA GOMES DE SOUZA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Desafios enfrentados nas séries iniciais**

Monografia apresentada em: 06/12/2014



Prof. Dr^a. Luciene Viera de Arruda
Professora orientadora



Prof^a. Ms^a. Monica de Fátima Guêdes de Oliveira
examinadora



Prof. Ms. José Otávio da Silva.
examinador

GUARABIRA/PB

2014

Dedico este trabalho às pessoas que amo, minha família e, em especial, as minhas filhas Anniely e Adely, minha mãe Severina e a meu namorado Gilvanês, por seu orgulho e incentivo. A meus amigos Felipe e Ramon, as minhas colegas de turma e as professoras, Lourdes, Joana D'Arc, Patrícia, Luana Lima, Mônica Guedes e Luciene Arruda e a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

A meu senhor Deus por me conceber o dom do entendimento e do saber e a graça de realizar um sonho.

Aos meus familiares: as minhas filhas Anniely e Adely, aos meus pais Cicero e Severina, a minha irmã Maria, a meu namorado Gilvanês e a todos que contribuíram de diversas formas com minha carreira profissional.

As minhas amigas de sala Antônia, Edilma, Lucineide, Verônica e Simone onde juntas passamos momentos difíceis e inesquecíveis.

Agradeço a minha orientadora Prof. Dr. Luciene Viera de Arruda, por sua dedicação e paciência na construção deste trabalho.

Agradeço à banca examinadora Prof^a. Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira e o Prof. Ms. José Otávio da Silva.

A Coordenação do curso de Pedagogia, no nome da Prof^a. Ms. Monica de Fátima Guedes.

A todos os professores que passaram pelo curso de Pedagogia, deixando sua marca e transmitindo conhecimento. Desejo que continuem cumprindo seu papel com a missão de formar e informar ao cidadão.

Agradeço ao Governo do Estado da Paraíba, pela oportunidade de concluir a graduação com ensino gratuito.

A todos, meu muito obrigada!!!

Educar é viajar no mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que pensamos para nos transformar no que somos.

O maior educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que observa apenas o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo.

Um bom educador abraça quando todos rejeitam; anima quando todos condenam; aplaude os que nunca subiram ao pódio; vibra com a coragem de disputar dos que ficaram nos últimos lugares. Não procura o seu próprio brilho, mas faz-se pequeno para tornar os seus filhos, alunos e colegas de trabalho grandes.

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta as dificuldades que os educadores encontram em abordar dois processos simultaneamente, alfabetização e letramento, nos anos iniciais do ensino infantil. Foi adotada a abordagem de autores que têm estudado a respeito desses temas. A princípio, partimos de alguns conceitos importantes que basearam a elaboração dos capítulos desse trabalho monográfico. Soares defende a alfabetização como uma orientação à criança para o domínio da habilidade de ler e escrever, a que chama de “domínio da tecnologia da escrita da palavra”. Outros autores também são apresentados. Prosseguimos com o estudo analisando os sujeitos da pesquisa e as dificuldades de se alfabetizar letrando nos anos iniciais. Nas entrevistas efetuadas com os professores da E. E. E. F. Moacir de Albuquerque na cidade de Cuitegi-PB, dos anos iniciais 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental, observou-se que as dificuldades de se alfabetizar letrando dá-se no ato da dificuldade do desenvolvimento da leitura e no ato de escrever, compromete a construção de elementos inerentes à condição humana, uma vez que seu domínio nos remete à possibilidade da participação social. As professoras entrevistadas admitem que existem diferenças no processo de alfabetização e letramento, mas ambos são interdependentes. Assim, a questão deve ser melhor discutida durante o processo de formação dos professores, quer seja na formação inicial, quer na formação continuada, uma vez que a temática ainda gera confusão. Alfabetização e letramento são processos indissociáveis e devem caminhar juntos. Entende-se que hoje, a sociedade requer do cidadão, mais do que o mero conhecimento das “primeiras letras”. Assim, é viável contemplar os dois processos (alfabetização e letramento) de maneira articulada, no trabalho pedagógico. É importante que os docentes tenham os conhecimentos teórico-metodológicos envolvidos e que as escolas tenham material suficiente para o uso dos alunos.

Palavras-chaves: Alfabetização, letramento, aprendizagem.

ABSTRACT

This research presents the difficulties that educators are to address two processes simultaneously, literacy and literacy in the early years of kindergarten. It was adopted the approach of authors who have studied about these issues. At first, we start with some important concepts that based the preparation of the chapters of this monograph. Smith advocates for literacy as a guide the child into the realm of ability to read and write, which he calls "field of word writing technology." Other authors are also presented. We continue the study analyzing the research subjects and the difficulties in literacy letrando in the early years. In interviews conducted with teachers ESE Moacir de Albuquerque in the city of Cuitegi-PB, the early years 1, 2 and 3 years of elementary school, it was observed that the difficulties in literacy letrando occurs at the time of difficulty of developing reading and writing, committed to building elements inherent to the human condition, since your domain reminds us of the possibility of the interviewed teachers social. As participation admit that there are differences in literacy and literacy process, but both are interdependent. So the question should be discussed further in the process of training teachers, either in initial training and in continuing education, since the theme still confusing. Literacy and literacy processes are inseparable and must go together. It is understood that today, society requires the citizen, more than mere knowledge of "first letters". Thus, it is feasible to contemplate the two procedures (literacy and literacy) in a coordinated way, the pedagogical work. It is important that teachers have the theoretical and methodological knowledge involved and that schools have enough material for student use.

Key-words: Alphabetization, literacy, learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REVISÃO LITERÁRIA.....	10
2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO.....	10
2.1.1 Breve História da Alfabetização no Brasil.....	11
2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO OU ALFABETIZAR LETRANDO: UM DESAFIO.....	15
2.3 DIFICULDADES DE ALFABETIZAR LETRANDO: DESAFIOS DAS SÉRIES INICIAIS.....	18
3 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	21
3.2 PROCEDIMENTOS.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Sempre que falamos ou ouvimos falar em alfabetização nos remetemos ao aprendizado/aquisição da leitura e da escrita, ao ato de aprender as primeiras “letras”, o domínio da decifração de um código escrito. Logo, a alfabetização é compreendida como o processo de aprendizado do alfabeto e sua utilização enquanto código de comunicação. Segundo Soares (2004) alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da habilidade de ler e escrever, a que chama “domínio da tecnologia da escrita da palavra”.

De acordo com Soares (2007) O termo alfabetização, etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, o que nos remete a uma significação de alfabetização enquanto aquisição de um código escrito e sua decifração. Mas, o ato de alfabetizar vai além da aquisição dessa habilidade.

Para Ferreiro e Teberosky (1991) alfabetizar compreende a apropriação por parte do indivíduo da base alfabética do sistema de escrita, ler com compreensão e escrever textos com sentido e possíveis de serem lidos, mesmo que apresentem erros de ortografia. Um conceito que concede um nível maior de habilidades ao indivíduo alfabetizado, mas que ainda se restringe à aquisição e domínio de um código escrito.

Nos últimos anos, a discussão em torno do processo de alfabetização tem se acentuado e a cada dia as pesquisas, quer partam de estudiosos da linguística, quer da Pedagogia, avançam e chegam a novas conclusões. O que antes era exigido para se considerar que um indivíduo era alfabetizado (a capacidade de grafar/escrever o próprio nome) hoje, já não satisfaz a essa exigência. A sociedade se modernizou, as exigências aumentaram, a escola se expandiu e ampliou seus objetivos. Ler e escrever tornaram-se exigências e uma necessidade para sobrevivência na sociedade “grafocêntrica” que se formou.

Tudo gira em torno de um código escrito que precisa ser decifrado e compreendido. Não basta apenas decifrar (decodificar) o que está escrito, mas é preciso compreender, entender o que ali está exposto, por exemplo, não é suficiente decodificar e afirmar que B + O + L + A = BOLA, mas se faz necessário compreender que bola é uma palavra da língua portuguesa, um substantivo comum,

que nomeia um objeto esférico, utilizado para o lazer das pessoas na prática de diversos esportes tais como o futebol, o vôlei, basquete, etc. E, mesmo ir além e considerar a possibilidade da referida palavra ser usada de forma pejorativa como um adjetivo para designar uma pessoa que está acima do peso. Um processo que levasse a atingir tal objetivo de compreensão seria considerado alfabetizar hoje.

Sabemos que a aprendizagem da língua escrita ocorre através de um processo de construção que se inicia muito antes de a criança frequentar a escola, e que progride através da elaboração de hipóteses para explicar o mundo que a cerca. A existência de etapas na construção da língua escrita foi comprovada (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991). Inúmeros estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento apontam “falhas” e problemas que dificultam esse processo, dentre as quais podemos citar o desconhecimento do professor e sua formação que não contempla a compreensão desse processo; a falta de estrutura das escolas, que não proporcionam um ambiente alfabetizador favorável; apoio dos pais no decorrer do processo, dentre outros.

Nosso objetivo nesse trabalho, não é apontar ou discutir “falhas” ou problemas que dificultem o processo de alfabetização, mas compreender o processo de alfabetização como um todo, suas etapas, características e práticas facilitadoras, bem como apontar caminhos que possam possibilitar que outros professores e interessados na área possam também compreendê-lo e assim contribuir com a formação de profissionais de educação e alfabetizadores. Para tanto, propomos uma reflexão acerca do conceito de alfabetização e de letramento, as particularidades e peculiaridades de cada um; aproximações, semelhanças e distinção entre os mesmos.

Nossa pesquisa se fundamenta nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1991); Freire (1996); as orientações do MEC para o trabalho com a habilidade de leitura e escrita contidas nos PCN's (1998); Teberosky (2000) e Teberosky e Colomer (2003); Ferreiro (2001); Soares (2004 e 2007); Costa Val (2006), bem como o manual do programa Pró-Letramento (2007), o que se configura numa pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

No que se refere à obtenção de dados para nossa pesquisa foi utilizada uma metodologia que se deu a partir da observação de turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º anos) e aplicação de questionários com as professoras titulares das referidas turmas da Escola Estadual de Ensino

Fundamental Prof. Moacir de Albuquerque situada na cidade de Cuitegi-PB. No referido questionário (anexo), perguntamos aos professores acerca do conceito de alfabetização.

A fim de desenvolver as ideias que norteiam este trabalho, o texto é apresentado na seguinte ordem: O primeiro capítulo é composto pela introdução; no segundo capítulo fazemos uma revisão literária sobre os termos alfabetização e letramento (conceito, implicações, semelhanças e distinções entre os mesmos), as dificuldades de se alfabetizar letrando e os desafios enfrentados pelos professores das séries iniciais; no terceiro capítulo apresentamos os materiais, os procedimentos metodológicos e os sujeitos envolvidos na pesquisa; Em seguida apresentamos os dados coletados e os resultados gerais obtidos durante a mesma, revelando aspectos que mais se destacaram no nosso estudo, bem como sua análise; em seguida tecemos nossas considerações finais, apontando a conclusão a que chegamos e retomando pontos que se mostraram relevantes; para finalizar, são apresentadas as referências bibliográficas utilizadas nesta análise.

2 REVISÃO LITERÁRIA

Partindo da premissa de que todo trabalho científico deve estar embasado em conhecimentos anteriores, em teóricos que marcaram a análise em questão, apresentamos nesse capítulo a revisão literária acerca dos termos alfabetização e letramento (conceito, implicações, semelhanças e distinções entre os mesmos), as dificuldades de se alfabetizar letrando e os desafios enfrentados pelos professores das séries iniciais. Esperamos facilitar a compreensão da questão a ser apresentada e discutida posteriormente.

2.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Nos últimos anos inúmeros estudiosos têm se preocupado com a questão da alfabetização e do letramento, com a publicação de vários artigos. A cada pesquisa novas informações são apresentadas, novos conceitos se juntam aos antigos, ampliando a importância e o significado dessa questão. Mas, o que é alfabetização e letramento? São processos distintos ou iguais? Quais as semelhanças e distinções entre esses processos?

Soares (2004) afirma que alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, ou seja, dotá-las da habilidade de ler e escrever, orientá-las na aquisição dessas habilidades. O que nos leva a compreender que um indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever. Logo, o processo de alfabetização se ocupa da apropriação de um código escrito por um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Logo, alfabetizar pressupõe um conhecimento da escrita, para além da fala; o termo alfabetização é composto a partir da aglutinação de *alfa* e *beta* as duas primeiras letras do alfabeto grego, que pode designar o domínio do sistema de escrita. Então, afirmar que um indivíduo é alfabetizado pressupõe que este conhece as letras, mas não é só isso. No caso da língua portuguesa, significa compreender como essas letras se combinam e que relações podem estabelecer entre fala e escrita, ou seja, compreender o funcionamento do sistema alfabético de escrita.

Etimologicamente o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo

ao processo seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência de alfabetizar. Daí, podemos então conceituar alfabetização, em seu sentido próprio e específico, como processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Antes de tratarmos das semelhanças, aproximações e diferenças entre os conceitos de alfabetização e letramento, faremos uma breve recordação acerca da história desse processo e do surgimento do termo letramento no Brasil.

2.1.1 Breve História da Alfabetização no Brasil

Para discorrer sobre a história da alfabetização no Brasil faz-se necessário discorrer sobre a história dos métodos de alfabetização. A história da alfabetização brasileira está centrada na disputa entre os métodos de ensino das primeiras letras. No geral, podemos afirmar que esses métodos objetivavam garantir aos alunos sua inserção no mundo da cultura escrita. Tais métodos produziram uma imensidão de teorias e estudos que investigavam os problemas relacionados ao processo de alfabetizar e buscavam apontar caminhos ou um caminho que permitisse aos professores “alfabetizadores” alcançarem êxito em sua tarefa. Algo que não é tão diferente dos dias atuais(SILVA, 1998).

Desde o final do século XIX, as dificuldades enfrentadas pelas crianças brasileiras, no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita, sobretudo nas escolas públicas, é motivo de debates e reflexões por parte de estudiosos das áreas da Linguística e da Pedagogia. Todos buscam encontrar uma causa para o problema da defasagem na alfabetização e para o fracasso escolar durante esse processo e apontar uma solução para resolver o mesmo, conforme afirma Mortatti (2006):

Especialmente desde as últimas duas décadas, (do século XX) as vidências que sustentam originariamente essa associação entre escola e alfabetização vêm sendo questionadas, em decorrência das dificuldades de se concretizarem as promessas e os efeitos pretendidos com a ação da escola sobre o cidadão (MORTATTI, 2006, p.3).

A autora, desde modo, pensou em meios de haver uma alfabetização, mas que fosse para todos, partindo para a questão dos métodos de alfabetização e dividindo a história da alfabetização no Brasil em quatro momentos, com intuito de entender os sentidos atribuídos historicamente ao que se considera ser um instrumento privilegiado, de acesso ao saber, e como o método de alfabetização passa a ser um problema do qual se ocupam educadores, legisladores e administradores.

No centro de toda essa discussão está a prática dos professores alfabetizadores, responsáveis por esse processo, e sua formação. Inúmeros documentos e diretrizes foram lançados para orientar a prática dos professores. Manuais que apontam “caminhos” para desenvolver bem as práticas de leitura e escrita ganharam mais força nesse período.

Segundo Antunes (2007) os métodos de alfabetização podem ser divididos em métodos sintéticos e métodos analíticos. Os métodos sintéticos, segundo o autor supracitado, foram desenvolvidos e aplicados no momento em que a escola apresentava condições precárias de funcionamento dos mais diversos aspectos, dentre os quais podemos citar a falta de material suficiente e adequado, a infraestrutura. Esse método enfatizava o aprendizado da leitura, ou seja, era importante que o aluno desenvolvesse a capacidade de reconhecer os fonemas para que pudesse decifrar a escrita e não reproduzi-la. Para tanto, eram utilizadas atividades com os métodos alfabéticos, fônicos e silábicos (ANTUNES, 2007).

A educação, então, podia ser considerada como uma “utopia” da modernidade, uma vez que práticas de leitura e escrita eram prioridades de uma pequena parcela da população, aqueles mais ricos e com um poder aquisitivo maiores. Aos demais, bastava o contentamento de aprender a assinar o nome. O investimento na educação pública era precário e o ensino dependia muito do empenho dos professores e dos alunos. Ainda de acordo com Antunes (2007) o ensino da leitura se dava a partir das chamadas “cartas de ABC” e o método sintético em que se partia da “parte” para o “todo”, a soletração (método silábico). O professor ensinava os “nomes” das letras, até chegar aos sons correspondentes a cada uma (método fônico) e à silabação (emissão desses sons) e, então, formava sílabas que deviam ser recitadas pelos alunos. Daí surgiu a ideia de família silábica das letras (VIEIRA, 1998; MORTATTI, 2006).

Depois, com a evolução dos estudos linguísticos, chegou-se a conclusão que se deveria partir da palavra e não das unidades mínimas que as constituíam. Esse método ficou conhecido como “método da palavração” e era fundamentado no que havia de mais moderno nos estudos linguísticos da época e consistia em iniciar o ensino pela palavra, para depois analisar seus elementos menores (ANTUNES, 2007).

Durante muitos anos, a alfabetização foi compreendida, como uma sistematização de um código, ou seja: $B+A = BA$, ou melhor, a relação dos fonemas e grafemas. Dessa forma, a alfabetização se ocupava da aquisição de um código por um indivíduo ou grupo, tornando-se esta a ação de alfabetizar. Um conceito que perdurou por muito tempo em nossas práticas escolares.

Com o avanço das pesquisas e em busca de oferecer uma melhor qualidade de ensino muitas escolas e professores começaram a fazer uso do método analítico que, em oposição aos métodos sintéticos, orientava o ensino da leitura partindo do “todo” para depois se chegar às partes que constituem as palavras (PCN's, 1998; ANTUNES, 2007). No entanto, prevalecia o uso do termo alfabetização para designar ou se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita, ou seja, a decifração e decodificação da palavra.

Com o tempo, surgem os métodos analíticos-sintético ou sintético-analíticos, que juntavam, basicamente, as duas teorias e propunham a ideia de que uma completava a outra. Esses métodos prevaleceram, aproximadamente, até o final da década de 1970 e início da década de 1980 quando entravam em cena as ideias do método construtivista de alfabetização fruto das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky que levavam em conta o desenvolvimento cognitivo para a aprendizagem da leitura e da escrita (ANTUNES, 2007).

No Brasil essa nova ideologia de ensino e alfabetização chegou revolucionando a educação. No entanto, vale salientar que, contrariando o que muitos pensavam, o construtivismo não se constitui como um método, mas seria uma “desmetodização”. Na verdade sua proposta era uma nova forma de ver a alfabetização. Esta passou a ser vista como um mecanismo processual e constituído de etapas sucessivas que se completavam e ao final chegariam a um resultado (TEBEROSKY & TOLCHINSKY, 2000; ANTUNES 2007).

Nesse período (década de 80) surge também um novo conceito no cenário da educação e dos estudos relacionados à área. Muitas pessoas passam a ser

consideradas “alfabetizadas”, ou seja, aquelas que conseguiam decodificar os signos linguísticos (sinais gráficos da escrita), porém não conseguiam compreender o que liam. Tais pessoas foram denominadas de “ANALFABETOS FUNCIONAIS” e entra em cena, um novo termo o “LETRAMENTO”.

Não basta mais ser alfabetizado (decodificar e decifrar a escrita), era preciso algo mais. O termo letramento trazia à tona a ideia de algo mais profundo que a alfabetização. Estar letrado seria então, a capacidade de ler, escrever e compreender, isto é, fazer uso desses conhecimentos em situações reais do dia a dia (SOARES, 2004). E a proposta agora seria alfabetizar letrando.

A ideia agora é reconhecer a importância da alfabetização como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, mas buscar meios para que ela se desenvolva num contexto de eventos variados de leitura e escrita em situações reais de uso dessas habilidades. Conforme as palavras de Magda Soares que afirma:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o **caminho** para superação dos problemas que vimos enfrentando nessa etapa da escolarização; **descaminhos** serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita(SOARES, 2004, p. 22).

A autora trás a tona, inúmeras contribuições na discussão de uma recriação, reconstrução ou reinvenção do processo e do conceito de alfabetização, apontando a um direcionamento inovador através da ideia de se alfabetizar letrando.

Grandes contribuições também foram dadas pelas ideias de Paulo Freire que com sua nova concepção de educação humanizadora proporcionou grandes mudanças no processo de alfabetização. Para Freire (1985, p. 14), “[...] a alfabetização não é um jogo de palavras; e a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, à abertura de novos caminhos [...]”. A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra”. O autor já nos apresenta um conceito mais amplo de alfabetização, algo que vai além da habilidade de aquisição da decifração do código escrito.

Soares (2004) defende que muito mais que um método, Paulo Freire criou “uma concepção de alfabetização que transforma fundamentalmente o material com

que se alfabetiza, o objetivo com que se alfabetiza, as relações sociais em que se alfabetiza – enfim: o método com que se alfabetiza” (SOARES, 2003, p. 120).

Com a emergência do conceito de letramento, passamos a vivenciar uma crise de paradigmas. Os métodos de abordagem tradicional já não davam conta do que era exigido pela sociedade. Até mesmo o construtivismo, na maioria das vezes, foi mal compreendido e utilizado de forma equivocada. Novas exigências estavam surgindo e novos desafios para o professor alfabetizador, como veremos no ponto seguinte.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO OU ALFABETIZAR LETRANDO: UM DESAFIO

Como vimos, até mais ou menos a década de 1940, no Brasil, bastava que o indivíduo assinasse o próprio nome para ser considerado alfabetizado. Após essa época, era necessário, para a pessoa ser considerada alfabetizada, conseguir ler um bilhete simples. Com o passar dos anos, o mundo letrado exigiu da massa crescente da nossa sociedade alfabetizada, não apenas a capacidade de desenhar ou decifrar o código da leitura e escrita, mas todo um processo de compreensão e interpretação desse código.

Mediante as grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, surgiu o termo letramento. Assim, foi entendido que para ser considerado alfabetizado, o indivíduo, se apropriaria não apenas do código, mas de todo o domínio do uso em possíveis situações.

Utilizando-se da descrição do que é letramento, Soares (1999, p. 5-6):

[...] Palavras novas aparecem quando novas ideias ou novos fenômenos surgirem. Convivemos com o fato de existirem pessoas que não sabem ler e escrever, pessoas analfabetas, desde o Brasil colônia, e ao longo dos séculos temos enfrentado o problema de alfabetizar, de ensinar as pessoas a ler e escrever, por tanto: o fenômeno do estado ou condição de analfabeto nós o tínhamos (e ainda temos...), e por isso sempre tivemos um nome para ele: analfabetismo [...]. E novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido e problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e

teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento (SOARES, 1999, p. 5-6)

A palavra letramento surge a primeira vez no livro de Mary Kato: “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” de 1986 e vem nos trazer um conceito mais amplo que o de alfabetização. Em outras palavras, não basta apenas ser alfabetizado, mas é preciso ser também letrado. É preciso mais que reconhecer fonemas e grafemas, juntar sílabas e formar palavras. O indivíduo precisa saber fazer uso em sua vida social, do código escrito que aprendeu.

Após a referência de Mary Kato em 1988, a palavra letramento é retomada por Leda Verdiani Tfouni no livro: “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”. Nessa obra a autora discute a definição de letramento e a distinção entre esse termo e a alfabetização. Assim, a autora questiona: quanto às diferenças entre letramento e alfabetização, elas existem? Sim e não. Os dois processos estão diretamente ligados e interligados, mas podemos separá-los quanto ao seu abarcamento.

Dentro deste paralelismo, é evidente que existem indivíduos que possuem o grau do letramento onde compreendem os papéis sociais dentro da sociedade mesmo sem a leitura e escrita. No entanto, há indivíduos que dominam o sistema da escrita, mas são pouco letrados, isto é, conhecem os símbolos da escrita, os fonemas (sons), são capazes de reconhecer e decodificar palavras, frases e até textos simples, mas não compreendem o que leem. O seu nível de letramento ainda é insatisfatório. Por isso é que ser alfabetizado, implica apenas ao conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las). Enquanto que letramento implica nas mais variadas possibilidades de uso desse conhecimento.

A alfabetização é uma atividade muito antiga, surge com a necessidade de representação nos sistemas escritos para o registro de atividades sociais, tais como: sinais, signos, ícones desenhados em talhos de madeiras, de osso, de barro, paredes de cavernas contagem de rebanhos, anotação de trocas ou vendas, etc. No entanto, a alfabetização nasce com a ação de codificar e decodificar, onde não se era necessário a existência da escola, este processo de alfabetização era concebido mediante as variadas utilização de atividades diárias (CAGLIARI, 1998 apud SILVA, 2013).

Assim, a invenção da escrita com as necessidades sociais de uso, demonstra que o ensino da escrita, no processo de codificar e decodificar, era feito

também popularmente: nas ruas, em casa, nas feiras, nos campos, nas rodas de amizades, no trabalho, onde se reunissem pessoas, ou seja, uma forma popular de educar, onde cada um ensinava o que sabia da melhor maneira possível.

Assim, esta maneira popular de se alfabetizar, nasceu com as diversas formas e necessidades da população de se comunicar, passada de geração em geração. Do mesmo modo, percebe-se que o letramento, surgiu com as mesmas necessidades da população em alfabetizar-se. Necessidade esta onde não se exigia o domínio de leitura e escrita de um processo de interpretação dos mais variados códigos de leitura e escrita.

De acordo com Rego (2002, p.7), “[...] se por um lado, não podemos destacar a importância das práticas sociais de leitura e a apropriação da língua escrita, enquanto forma de comunicação, temos que considerar que também é um fato incontestável, que só a partir da descoberta do princípio alfabéticos formamos um leitor e escritor autônomo”.

Portanto, é evidente que a maioria das crianças só ingressarão na escola, a partir dos seis anos de idade, mas estas mesmas crianças antes de ingressar na escola, mesmo não sabendo ler e escrever, porém, tem contato com revistas, jornais, livros, ouve histórias, no entanto participam de práticas de leitura ou de inscritas, de forma onde se interessam a ler, mesmo que esta leitura seja apenas encenação, ela também pode ser considerada uma pessoa letrada.

Dessa forma, constata-se que uma criança, mesmo antes de passar pelo processo de alfabetização, pode ser considerada letrada. Percebe-se que letramento e alfabetização são dois processos distintos, embora necessariamente os dois andem ligados um ao outro. Desse modo, Magda Soares conclui:

Por um lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis, a alfabetização só tem sentido quando envolve no contexto de práticas sociais de leitura e escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento. Este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p. 97)

De fato é incontestável que alfabetização e letramento sejam processos que possam ser trabalhados separadamente, mas que se completam e complementam ao longo do tempo. É impossível um indivíduo apenas “alfabetizado” se sentir

inserido na sociedade vigente, é preciso que, além de decodificar e decifrar o código escrito, ele saiba fazer uso deste na sua vida cotidiana.

2.3 DIFICULDADES DE ALFABETIZAR LETRANDO: DESAFIOS DAS SÉRIES INICIAIS

A leitura dos sinais de trânsito, uso do dinheiro a identificação de produtos por palavras ou logomarcas, o uso do telefone celulares a utilização dos eletrodomésticos, etc. todos esses códigos são dominados por uma sociedade grafocêntricas, onde se elimina todo conceito de que alguém não saiba absolutamente nada.

As crianças e adolescentes, têm enormes contatos com as escritas, espalhas por toda uma cidade, encontradas de várias formas e tamanhos. Nomes de estabelecimento comerciais, placas de sinalizações, mensagens variadas, etc.

De acordo, com Cecília Goulart (2006, p. 92) “pensar na organização da escola em função de crianças das séries/ anos iniciais do ensino fundamental, com ênfase nas crianças de seis anos, envolve concebê-los no sentido inserção no mundo letrado. Esse mundo é construído com base nos valores da escrita nas práticas e relações sociais, embora nem sempre esteja, presente materialmente. ”

Nas salas de aula das series iniciais, encontramos, alfabeto, calendário, quadro da aniversariante, nomes dos alunos, entre outros espalhados na sala como também alguns cartazes relacionado ao assunto, trabalhando no momento da aula, como por exemplo: animais, vegetais, água, terra, poesia e outros conteúdos trabalhados.

A preocupação dos professores das séries/ anos iniciais é exatamente alfabetizar e repassar os conteúdos mediante ao ano letivo trabalhado. Mas, deve-se alfabetizar letrando, buscando envolver os alunos no processo de ensino aprendizagem de maneira satisfatória, além de buscar todo os recursos que nosso mundo letrado oferece, o que, infelizmente, quase ou não acontece.

O espaço da sala de aula deve ser um espaço de leitores, onde professores, alunos façam diferentes tipos de leituras com livros, jornais, panfletos, poesias, contos, histórias infantis, músicas, é com leitura abundante do mundo, que se aprende a ler.

Foucambert (1994, p. 31) considera a leitura um meio de grande contribuição para o desenvolvimento do educando.

De acordo com o mesmo:

Na fase de aprendizado o meio deve proporcionar à criança toda a ajuda para utilizar textos para adaptá-los às possibilidades atuais do aprendiz. Não se aprende primeiro a ler palavras, depois frases, mais adiante textos e finalmente, textos, das quais se precisa (FOUCABERT, 1994. p. 31).

Para o desenvolvimento da criança durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, é importante considerar a consciência fenomenológica como um facilitador da evolução psicogenética, durante o processo de alfabetização.

O processo de se alfabetizar letrando é um desafio permanente, consiste na ação de adotar novas metodologias de ensino, buscando não apenas o conhecimento da leitura e escrita, mas que envolva todo poder de compreender e produzir textos (LEAL et al, 2006).

É evidente que a maioria dos professores dos series iniciais, assim como as demais, se preocupam em passar para seus alunos os conteúdos exigidos pelo plano de curso e o de receber seu salário no final de cada mês. Infelizmente são poucos os professores que buscam trabalhar com amor à profissão, onde mesmo enfrentando vários problemas existentes nas escolas, buscam dar o melhor de si. Buscam dos vários métodos para que os seus alunos não só aprendam ler e escrever, mas que se apropriem de todo um processo de interpretação e produção dos mais variados textos.

De acordo com Maria das Graças Costa Val (2006):

“por isso é que se tem afirmado que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares, inseparáveis e ambos indispensáveis. O desafio que se coloca hoje para os professores é o de conciliar esses dois processos de modo a assegurar aos alunos a apropriação do sistema alfabético/ ortográfico e a plena condição de uso da língua nas práticas sócias de leitura e escrita”(COSTA VAL, 2006, p.19).

Dentro do processo de se alfabetizar letrando existem equívocos que precisam ser vistos e reparados dentro da sala de aula. O primeiro equívoco é que, não é necessária a valorização dos usos e as funções sociais da língua escrita, deixando de lado, a sistematização específica linguística do “código”, onde envolve os aspectos: fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticos. Trabalhar com

alfabetização numa dimensão linguística não implica excluir o letramento dentro do trabalho voltado à sala de aula; Outro equívoco é pensar em trabalho voltado à sala de aula; Por último, pensar em trabalhar os dois processos, alfabetização e letramento, como se fosse uma espécie de preparação ou como se a alfabetização fosse uma prática indispensável para o início do letramento (COSTA VAL, 2006).

Por outro lado, quando se defende que alfabetização deve acontecer em situações de letramento o papel do professor é determinante para assegurar a possibilidade de seus alunos se tornarem leitores e escritores de fato.

Para dar as boas vindas ao mundo letrado na escola, é importante que o professor tenha uma relação favorável com a leitura e a escrita. Quando estas atividades são prazerosas para o professor, é evidente que as chances de trazer seus alunos ao universo também prazeroso, é mais evidente, pois funcionará como modelo de referência para eles. Os alunos antes de adquirir a habilidade de ler e escrever, já são capazes de produzir linguagem escrita e atribuir sentido aos textos lidos. Sem ainda saber ler podem recontar histórias em linguagem literária, como se estivessem lendo, dita informações sobre um assunto estudado, produzir uma carta para um colega alfabetizado fazer o papel de escriba, entre outros. Assim tudo o que se pode aprender sobre letras e sílabas, aprende se de forma contextualizada, em textos apropriados para a alfabetização.

3 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Professor Moacir de Albuquerque, no município de Cuitegi, no Estado da Paraíba, com o objetivo de verificar como vem sendo desenvolvido os processos de alfabetização e letramento com os alunos das séries iniciais.

Vejam, a seguir, os sujeitos desta pesquisa, os instrumentos utilizados para tal e os procedimentos seguidos para a realização da mesma.

3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa será realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Moacir de Albuquerque, situada na rua José Joaquim de Melo, Centro, Cuitegi-PB. Os sujeitos da pesquisa serão as educadoras das séries iniciais dessa escola. Os dados aqui mencionados foram coletados nos arquivos históricos e documentos oficiais (PPP's) da referida escola. Segundo os registros em que pesquisamos, a escola foi fundada em 1918, era chamada rudimentar e mantida pela prefeitura de Guarabira, pois a cidade na época era somente um pequeno povoado. A Regente, como era chamada a professora, desta época era a Sra. Áurea Galvão Farias, suas auxiliares foram Dona London e Dona Jaiá. Em 1921, foi nomeada para lecionar em Cuitegi, a Sra. Josefa Pimentel da Cunha Madruga (mais conhecida como Nazinha).

Em 1924, a referida escola passou a ser Elementar (nomenclatura que remonta à época dos jesuítas, primeiros professores no Brasil, e se referia a um modelo escolar que além de visar o ensino “das letras” visava também a catequese, formação cristã, vale salientar que nesse tipo de escola as turmas eram separadas segundo o sexo, isto é, meninas em uma turma e meninos em outra). Este tipo de escola era comum e no período da primeira República se expandiu por todo o território brasileiro. Posteriormente, passou a ser mista, reunindo ambos os sexos em uma só turma (ZOTTI, 2004).

No ano de 1946, o interventor federal do Estado do Paraíba, resolveu promover a educadora Dona Josefa Pimentel da Cunha Madruga elevando esta da categoria de Regente e passando assim a ocupar a carreira de professora. Segundo dados em 1949, a escola funcionava em um dos prédios alugado pela secretária de

educação do Estado, o referido prédio ficava situado a Rua Sete de Setembro, conhecida também como Rua da Matriz, no centro da Cidade de Cuitegi.

A senhora Josefa Pimentel da Cunha exerceu durante muitos anos um importante papel na educação de nosso município. Dentre os quais se pode citar a manutenção da escola a que nos referimos, bem como na formação dos cidadãos que aqui viviam e pela qual passaram. Foi a seu pedido que, seu o Sr. João de Farias Pimentel, que era seu tio, doou um prédio situado à rua José Joaquim de Melo para que a escola funcionasse em local fixo e próprio em definitivo. Foi então por ela inaugurado o Grupo Escolar, como era conhecido, do qual esteve a frente por 35 anos de trabalho e total dedicação.

No ano de 1962 o Sr. Antônio Paulino Filho, que foi aluno da escola e era então prefeito de nossa cidade (o primeiro prefeito por sinal), sugeriu que a mesma fosse nomeada Professor Moacir de Albuquerque, em homenagem a um padre jesuíta que atuou e contribuiu com a educação nos Estados de Pernambuco e Paraíba, vale salientar que na cidade de Jaboatão dos Guararapes-PE existe uma escola com o mesmo nome.

Em 1970, após a Sr.^a Josefa Pimentel da Cunha se aposentar, assume a direção da escola a Sra. Maria Emi Cunha Madrugada (filha da mesma), sendo a primeira diretora registrada desta escola. Dona Maria Emi, mais conhecida pelos cuitégienses como Dona Emizinha, esteve à frente da escola durante muitos anos e a exemplo de sua mãe, também deixou um legado de contribuição e dedicação à educação de Cuitegi. Esta época pode ser considerada a época de ouro da referida escola, pois o padrão de ensino era reconhecido em todo território do município e o ingresso na mesma era muito difícil devido a procura que era grande, se dava por meio de prova de admissão. Portanto, podemos dizer que mãe e filha participaram ativamente da fundação da escola e, porque não afirmar da educação no município de Cuitegi, uma vez que, vale salientar que esta foi a primeira escola em nosso território.

Inúmeros cuitégienses, hoje tidos como pessoas ilustres no nosso município passaram pelos bancos escolares dessa instituição de ensino. Pessoas que hoje são advogados, promotores, prefeitos, vereadores, médicos e professores que, inclusive, lecionam na referida escola.

Atualmente a referida escola conta com um quadro de 31 funcionários, lotados nos 3 turnos (manhã, tarde e noite), sendo que durante os turno da manhã e

tarde atende às séries iniciais do Ensino Fundamental e no turno da noite à Educação de Jovens e Adultos (EJA), contando com um total de 186 alunos matriculados e uma estrutura física de cinco (5) salas de aula, três banheiros, sendo um dos funcionários, uma sala de leitura, uma diretoria, uma cantina e o pátio. A atual gestora é a Sra. Evaneide dos Santos Araújo e tem como sua vice Sra. Lidiane Coelho da Costa. O quadro 1 apresenta os docentes da escola objeto da pesquisa:

Quadro 1. Docentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.

PROFESSOR	ANO/TURNO
Patrícia Gomes da Silva	1º ano (tarde)
Joana D'arc de A. Monteiro	2º ano (tarde)
Maria Lourdes da Silva	3º ano A (manhã)
Azenilda Maria Miranda	3º ano B (tarde)
Lidiane Santana da Silva	4º ano A (tarde)
Rafaella Nascimento dos Santos	4º ano B (manhã)
Júlio Cesar dos Santos	5º ano A (tarde)
Geiziane Pia dos Santos	5º ano B (manhã)
Josiara de Andrade Dutra	EJA (noite)
Mª do Socorro Galdino	EJA (noite)
Edjane Mª do Rosário L. Nunes	EJA (noite)
Girlene Pereira da Silva	EJA (noite)

Fonte: Secretaria da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.

3.2 PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa está focada no processo de alfabetização e letramento das turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º anos) da escola supracitada.

A professora da turma do 1º ano inicial é aqui denominada A, tendo como formação o curso de Pedagogia, leciona a 3 anos nessa escola e sua turma encontra-se com 18 alunos, sendo 7 meninos e 11 meninas; A professora do 2º ano inicial é aqui denominada B, é formada no magistério e cursa atualmente Pedagogia, leciona na escola há 7 anos e sua sala é composta por 14 alunos, sendo 7 meninos e 7 meninas; A professora do 3º ano inicial é aqui denominada C, que está cursando Pedagogia, leciona na escola há 9 anos e sua turma é composta por 17 alunos, 10 meninos e 7 meninas. O quadro 2 resume os sujeitos da presente pesquisa.

Quadro 2. Turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º anos) da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Moacir de Albuquerque, Cuitégi-PB.

TURMA	DOCENTE	ALUNOS		
		MENINOS	MENINAS	TOTAL
1º ano	A	07	11	18
2º ano	B	07	07	14
3º ano	C	10	07	17
TOTAL		24	25	49

Fonte: Secretaria da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Moacir de Albuquerque, Cuitégi-PB.

A pesquisa se deu durante o período da tarde, onde as três professoras lecionam. Assim, após o consentimento das professoras e diretoras, procedeu-se a observação das turmas e aplicação de questionários com as professoras. As salas são ambientes alfabetizadores, com cantinho da leitura, cartaz do alfabeto, rotina do dia, calendário, quadro do aniversariante do mês, ajudante do dia e outros cartazes mediante ao conteúdo estudado e os projetos trabalhados em sala.

As observações em sala de aula foram de grande proveito para a realização e consolidação dessa pesquisa, uma vez que nos forneceram dados, que nos levaram a chegar às conclusões. Nós apresentadas neste trabalho. É evidente que o tema não se esgota aqui, existe muito a se pesquisar acerca da alfabetização e do letramento como práticas de sala de aula e muito a se propor afim de contribuir com a prática docente. Os questionamentos feitos às professoras consistiram em:

- 1 _ Conceito de alfabetização e letramento suas semelhanças e diferenças.
- 2 – Como as referidas professoras buscavam trabalhar esses processos e de que forma contribuía para sua efetivação?
- 3 – Quais os desafios que se colocam a frente da realização desse objetivo?
- 4 – Será que há uma preocupação, por parte da proposta pedagógica da escola, no que se refere a alfabetização e ao letramento das crianças que atende?

Observamos durante a nossa pesquisa o empenho dos professores, bem como de toda a equipe escolar cumprir com as metas estabelecidas para cada série/ano do Ensino Fundamental, de acordo com as diretrizes nacionais e as normas e objetivos estabelecidos pela gerencia regional de ensino.

Na rotina da escola objeto da pesquisa, as aulas são lecionadas mediante as competências propostas pela 2ª gerência executiva de Educação Infantil e de Ensino

Fundamental do Estado. Primeiro as professoras iniciam as aulas com o acolhimento que pode ser: rezar, cantar, brincar, dinâmicas. Logo após é o momento da leitura em ação, essa leitura é mediante a escolha de um dos livros que as crianças levaram para casa no dia anterior, ou alguma história, escolhida pela própria professora como: poemas, contos, fábulas, histórias infantis. Seguindo a rotina, elas verificam as tarefas de casa, em seguida, inicia a atividade de sala que é trabalhar o conteúdo em diferentes métodos.

Os métodos utilizados pelas professoras seguem aulas explicativas, informativas, dialogadas, cartazes, rodas de conversa, leitura de diversos gêneros, multimídias, atividades orais, escritos e mimeografadas, utilizando-se também do lúdico, mais realizações das suas práticas educativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Elaboradas as partes iniciais da presente pesquisa, partimos agora para a exposição dos resultados encontrados e suas análises, seguindo os procedimentos anteriormente descritos. Como afirmamos anteriormente, nossa pesquisa teve como foco as práticas pedagógicas para a alfabetização e o letramento em salas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para obtenção dos dados aqui demonstrados fizemos uso de uma metodologia de observação e análise das práticas docentes à luz da teoria pertinente ao tema, bem como de entrevista por meio de questionário com as professoras titulares das referidas turmas.

O questionário supramencionado continha quatro (4) perguntas as quais transcrevemos a seguir, bem como a análise das respostas das referidas entrevistadas seguidas de nossa análise. Por uma questão de ética em nossa pesquisa omitiremos os nomes das professoras ao apresentar suas respostas. Trataremos a partir de agora como Professora A, Professora B e professora C.

A primeira questão apresentada se referia ao conceito de alfabetização e letramento suas semelhanças e diferenças. Ao fazer esse questionamento não objetivamos identificar o nível de conhecimento das professoras, mas verificar se as mesmas reconhecem a distinção e as semelhanças entre os processos, bem como sua interdependência. A essa questão obtivemos as seguintes respostas:

Professora A:

“São processos diferentes, a alfabetização consiste apenas na leitura e na escrita e já o letramento está ligado à função social da escrita na escrita e leitura contextualizada”

.

Professora B:

“Alfabetização e letramento é a mesma coisa: no processo de aprendizado e desenvolvimento. Alfabetização é aquele processo inicial onde as crianças são submetidas nos primeiros contatos com as letras. Já o letramento parece ter uma função mais ampla”.

Professora C:

“A alfabetização se refere ao desenvolvimento de habilidade em leitura e escrita e o letramento decorre de práticas sociais de leituras em diferentes contextos que envolve a expressão lógica e verbal, por isso há diferenças nesses processos”.

Observamos uma grande proximidade nas três respostas. Todas admitem que haja diferenças no processo de alfabetização e letramento, mas sinalizam para a interdependência entre os processos, ou seja, há distinção, mas são processos que dependem um do outro e não independentes. Tais afirmações nos levam a compreender que ainda se faz necessário se discutir mais essa questão durante o processo de formação dos professores, quer seja na formação inicial quer na formação continuada, uma vez que a temática ainda gera confusão. Alfabetização e letramento são processos indissociáveis e que devem caminhar juntos.

É importante que ocorram práticas de letramento o qual designa a ação educativa do uso de práticas sociais de leitura e escrita, permitindo compreender a importância e a necessidade em desenvolvê-las nas séries iniciais. A construção da linguagem escrita na criança se dá como um trabalho contínuo ao considerar a significação que a escrita tem na sociedade, tal qual vimos nos primeiros capítulos deste trabalho à luz da teoria de diversos autores que estudam a temática, dentre os quais podemos citar Magda Soares e Irandé Antunes que defendem a relação existente entre os processos de alfabetização e letramentos e a necessidade de trabalhar esses processos como indissociáveis e dependentes, ou seja, unidos e sem separação, mesmo reconhecendo que ambos apresentem dimensões diferentes.

Ao abordar questões relacionadas ao processo de alfabetização e letramento, entendemos que são processos indissociáveis que devem caminhar juntos, sendo que alfabetizado é aquele aluno que conhece o código escrito, sabe ler e escrever.

Desse modo, letramento, designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais.

A segunda questão se referia à prática docente exercida em sala de aula no processo de alfabetização e letramentos das crianças. Como as referidas

professoras buscavam trabalhar esses processos e de que forma contribuía para sua efetivação? Ao que as mesmas responderam:

Professora A:

“De forma lúdica, facilitando o aprendizado das crianças”.

Professora B:

“É preciso trabalhar com textos reais estimulando a leitura e a escrita dos gêneros textuais. Para que aprendam a diferenciá-los e a perceber a funcionalidade de cada um dos textos”.

Professora C:

“Busco trabalhar a alfabetização e o letramento a partir do conhecimento de cada um, daí trabalho gêneros textuais diversificados. Utilizo revistas, livros, cartazes, panfletos, rótulos de embalagens, sempre procurando contextualizá-las. Alfabetizar letrando é ensinar a ler escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita”.

Nestas respostas observamos uma maior proximidade nas afirmações das professoras B e C, pois ambas sinalizam a necessidade de se apresentar aos alunos uma diversidade de textos e gêneros textuais. Observamos que suas respostas se aproximam da proposta presente nos PCN's (1998) e da proposta do manual do Pró-Letramento (2007) ambos documentos do MEC que trazem as metas e os objetivos a serem alcançados em cada etapa do processo de alfabetização.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento, a seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever (BRASIL, 1998, p. 151-152).

O documento citado anteriormente, bem como o manual de formação do Pró-Letramento (2007) sinalizam para a importância e a necessidade de que os

alunos tenham acesso a uma diversidade de textos dos mais variados gêneros para que possam reconhecê-los e sejam capazes de produzir textos, também de gêneros diversos, prática que podemos identificar nas afirmações das professoras B e C.

Atualmente as crianças chegam à Escola com diversos tipos de conhecimentos que são provenientes de sua inserção na sociedade digitalizada em que vivemos. É necessário que o educador faça uso da leitura e da escrita utilizando diversos portadores de textos, tais como revistas, jornais, blogs da internet, dentre outros para que assim a criança possa interagir com o mundo letrado no início de sua escolarização.

A Professora A afirma que trabalha de forma lúdica, o que, de certa forma também é importante, porém devemos ter cuidado ao inserir tais práticas na sala de aula sob a desculpa de estarmos adotando um método construtivista e ao fim não alcançar o resultado esperado. O lúdico é importante? Sim, mas devemos saber fazer uso dele e ao planejar as aulas devemos estabelecer metas e objetivos a serem alcançados com o mesmo.

Essa prática se faz necessária porque a construção da linguagem escrita na criança faz parte de seu processo geral e se dá por meio de um trabalho contínuo de elaboração cognitiva por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação que a escrita tem na sociedade, conforme afirmação da professora Cecília Goulart no texto “Letramento e modos de ser letrado, discutindo a base teórico-metodológica de um estudo”, que afirma:

Podemos entender tal relevância no sentido da participação crítica nas práticas sociais que envolvem a escrita, mas também no sentido de considerar o diálogo entre os conhecimentos da vida cotidiana, constitutivos de nossa identidade cultural primeira, com os conhecimentos de formas mais elaboradas de explicar aspectos da realidade (GOULART, 2002, p. 52).

O conhecimento que as crianças trazem de sua vida social não pode ser desprezado pela escola. O professor ou professora deve partir dele no processo de alfabetização e letramento das crianças para que esse processo de fato se efetive na vida do educando.

A terceira questão se referia as dificuldades enfrentadas pelas professoras no processo de se alfabetizar letrando. Quais os desafios que se colocam a frente da realização desse objetivo? A essa questão as professoras responderam:

Professora A:

“Na maneira de expressar o que entendeu diante das leituras feitas por eles ou pelo professor”.

Professora B:

“Alfabetizar letrando é um desafio para nós professores, onde muitos encontram dificuldades para desenvolver uma aprendizagem focada nas práticas sociais da leitura e da escrita”.

Professora C:

“No sentido da contextualização porque há criança que até sabe ler e escrever, mas, no momento em que deve expressar o seu entendimento no que leu ainda sente muita dificuldade”.

Percebemos que muitos são os desafios para se alfabetizar letrando e que muitos deles estão relacionados à formação do professor, pois quando este tem uma formação voltada para esta prática, ou seja, quando conhece o processo e a teoria a ele relacionada terá maior facilidade para colocá-la em prática. Existem várias teorias que versam sobre a alfabetização escolar e dentre as quais podemos identificar muitas controvérsias quer sejam teóricas quer sejam metodológicas e os profissionais que lidam com esse processo precisam ter conhecimento das mesmas, para, a partir daí, poder refletir sobre suas práticas e direcioná-las.

O ato de ler bem, assim como o ato de escrever, constituem elementos inerentes à condição humana, uma vez que seu domínio nos remete a possibilidade de participação social. O que nos leva a considerar que o domínio de tais habilidades implica uma questão de cidadania ao passo que se revela como requisito para a inclusão social.

Reafirmamos aqui a necessidade de se investir na formação dos professores. O conhecimento de teorias e práticas a respeito do processo de alfabetização e letramento pode contribuir com a sua atuação na sala de aula e, por sua vez, com a efetivação de uma prática de sucesso, uma vez que se faz necessária a compreensão de que o processo da alfabetização e letramento envolvem situações de ordem psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística (SOARES, 2004).

As teorias supracitadas não podem ser desconsideradas no tratamento didático do ensino da língua, envolvendo diferentes metodologias conforme a natureza do trabalho e os objetivos propostos visando atingir as diversas finalidades de apropriação da escrita, enfatizando por um lado, a aquisição do sistema alfabético e, por outro, a imersão na cultura escrita por meio dos usos sociais nos diferentes contextos dos quais participa.

A quarta e última questão de nossa entrevista com as professoras se referia às propostas das escolas no que se refere ao processo de alfabetização e letramento. Será que há uma preocupação, por parte da proposta pedagógica da escola, no que se refere a alfabetização e ao letramento das crianças que atende? A essa questão as professoras responderam:

Professora A:

“Sim, só que a maioria delas, muitas não se preocupam em fazer a sua parte”.

Professora B:

“Antes alfabetizar era entendido como mera sistematização do $B + A = BA$. Hoje tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita e pode se engajar em práticas sociais letradas”.

Professora C:

“Sim, mas, também depende de cada um. Há aqueles que procuram desempenhar um bom trabalho sem se prender ao sistema e há aqueles que dizem nas series não há reprovação e a criança avança do mesmo jeito e a partir disso não tem uma preocupação em alfabetizar letrando”.

Percebemos nas afirmações que há uma preocupação a respeito do que o sistema escolar exige no processo de alfabetização. Nas respostas da Professora A e da Professora C observamos uma preocupação a respeito da forma como o sistema se preocupa com o processo de alfabetização. A Professora A afirma que a maioria das escolas se preocupa com o processo, mas há ainda algumas que não fazem a sua parte, ou seja, ainda existe escolas que não se preocupam em inserir em sua proposta pedagógica ações que visem a consolidação e efetivação desse processo por seus alunos. Tal afirmação nos leva a refletir sobre a qualidade do ensino oferecido por tais instituições e mais ainda a questionar “que tipos de cidadãos elas estão formando?”. Daí em nossa realidade constatarmos o grande número de analfabetos funcionais.

Na afirmação da Professora C percebemos a sinalização de que o sucesso do processo de alfabetização e letramento não depende apenas da proposta da escola, mas “de cada um”, tal afirmação nos leva a compreender que o trabalho em sala de aula não depende apenas das exigências do sistema educacional, mas do própria professor e de sua reflexão sobre a sua prática. A formação do professor mais uma vez entra em cena, pois é neste momento que as teorias por ele estudadas serão colocadas em prática. Daí a importância e a necessidade de se investir numa formação de qualidade e que seja contínua para o professor.

A Professora B em sua afirmação se refere à mudança ocorrida na concepção de alfabetização que antes era entendida numa perspectiva tradicional de ensino como simples forma de aquisição do sistema de escrita e hoje abrange funcionalidade mais ampla, tal como a inserção do indivíduo na sociedade.

As discussões empreendidas neste estudo explicitam o caráter multifacetado da alfabetização e do letramento, caracterizando-os enquanto termos de natureza distinta, porém indissociáveis. Nesse sentido, reiteramos a compreensão acerca da especificidade de cada termo no desenvolvimento da prática pedagógica alfabetizadora, postulando que o processo de alfabetização ocorra na perspectiva do letramento, para atender as demandas sociais em que não basta aprender ler e escrever, mas faz-se necessário utilizar, de maneira competente, a leitura e a escrita, compreendendo a função de ambas nos contextos sociais.

No entanto, considerando as múltiplas facetas da alfabetização e do letramento e a importância de uma ação pedagógica que garanta o desenvolvimento desses processos na aquisição e apropriação da língua escrita, questionamos: que concepção tem as professoras entrevistadas sobre alfabetizar letrando?

De acordo com as observações, constatou-se que as professoras utilizam-se no processo de alfabetização e letramento das crianças vários meios e materiais, tais como: revistas, livros, cartazes, panfletos, rótulos de embalagens, sempre contextualizando com o que as crianças já entendem e da carga de conhecimento de mundo que já trazem de casa e sua vivência no cotidiano com os demais colegas e as pessoas com as quais se socializam.

O processo de aprendizagem da turma se dá de forma contínua, conforme a especificidade de cada aluno. É importante reconhecer o que os alunos já sabem para o que eles ainda não sabem.

[...] a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia (FERREIRO e TEBEROSKY, 1986, p. 11).

É com este entendimento que as práticas metodológicas para o processo da aprendizagem das séries iniciais da Escola Professor Moacir de Albuquerque, são planejadas levando em consideração o nível em que as crianças se encontram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse dos resultados encontrados, é possível tecer as seguintes considerações:

- As professoras entrevistadas admitem que existem diferenças no processo de alfabetização e letramento, mas ambos são interdependentes. Assim, a questão deve ser melhor discutida durante o processo de formação dos professores, quer seja na formação inicial quer na formação continuada, uma vez que a temática ainda gera confusão. Alfabetização e letramento são processos indissociáveis e que devem caminhar juntos;
- É preciso valorizar na escola o conhecimento que as crianças trazem de sua vida social e inserir no seu processo de alfabetização e letramento;
- Existem muitos desafios para se alfabetizar letrando e muitos deles estão relacionados à formação do professor;
- O processo de alfabetização deve ocorrer na perspectiva do letramento, em que não basta somente aprender a ler e escrever, mas compreender a função de ambas no contexto social.
- As professoras pesquisadas se utilizam de vários meios como: revistas, livros, cartazes, panfletos, rótulos de embalagens, sempre contextualizando com o que as crianças já entendem de conhecimento de mundo.

Todas as reflexões aqui contidas nos levam a entender os desafios de alfabetizar letrando das séries iniciais, partindo das realidades existentes nos processos de alfabetização nas salas de aula dos primeiros anos.

A nós professores e professoras é cada vez mais desafiador o construir da educação, de como educar, o que educar, educar por quê, na escola e na vida, encontramos a multiplicidade de sujeitos e de modos de viver, sujeitos cidadãos em que vez mais adentram aos espaços sociais.

Sabemos que convivemos com crianças e adolescentes que trazem suas experiências e histórias que não são encontradas, são vividas diariamente.

A escola é um lugar de encontro, fazer novos amigos, aprender, compartilhar, lugar de conflitos e de trocas de conhecimento. Portanto, deve ser visto e compreendido que o aluno é um ser social, com suas diferenças e práticas sociais diárias.

Entende-se que hoje, requer do cidadão, mais do que o mero conhecimento das “primeiras letras”, é viável contemplar os dois processos alfabetização e letramento de maneira articulada, no trabalho pedagógico. É importante que os docentes tenham os conhecimentos teórico-metodológicos envolvidos e que as escolas tenham material suficiente para o uso dos alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, HeleniseSangoi (Org.) Dossiê Alfabetização e Letramento. Educação: **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, UFSM, 2007. Vol 32, nº1.

ANTUNES, HeleniseSangoi. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. In: ANTUNES, HeleniseSangoi (Org.) Dossiê Alfabetização e Letramento. Educação: **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, UFSM, 2007. Vol 32, nº1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Pró-letramento: programa de formação continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental: guia geral**. Brasília: MEC, 2007b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental (Língua Portuguesa)**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (Introdução)**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998c.

COLELLO, Silva M. Gasparian. **Alfabetização em questão**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>. Acesso em: 10 out 2014.

_____. **Repensando as Dinâmicas Pedagógicas nas Classes de Alfabetização**. Videtur 30. Disponível em: <http://www.hottopos.com>. Acesso em: 12 out 2014.

COSTA VAL, Maria da Graça. O que é ser alfabetizado e letrado. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de.; MEDONÇA, Rosa Helena (org.). **Prática de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 18-23.

FERREIRO, Emília, A escritaantes da letra. In SINCLAIR, H. (org) **A produção de notações na criança**.SP: Autores Associados, 1990

_____. **Cultura escrita e educação: conversas de Emília Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres**, Porto Alegre : Artmed, 2001

FERREIRO, Emília Reflexões sobre alfabetização. SP: Cortez, 1996

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Lichtenstein, Diana Myriam (trad.); Marco, Liana Di (trad.); Corso, Mário (trad.). 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **O momento atual é interessante porque põe a escola em crise**. Nova Escola, São Paulo, SP: Editora Abril, out 2006. ed. 197. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>. Acesso em: 20 set 2009.

FOUCAMBERT, J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOULART, Cecília. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos, orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 85-96.

_____. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: BEAUCHAMP, Jeanete.; PAGEL, Sandra Denise.; RIBEIRO DO NASCIMENTO, Aricélia. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. p. 85-96.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAIS, A. G. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos, orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, FNDE, Estação Gráfica, 2006, p. 69-83.

MORTATTI, Maria Rosário Longo **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP: Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2009.

_____. **Educação e letramento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Seminário Alfabetização e letramento em debate**, 2006, Brasília. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br>>. Acesso em 24 jul. 2014.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias. In: **Seminário Alfabetização e letramento em debate**, 2006, Brasília. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação

Básica do Ministério da Educação. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em 12 outubro de 2014.

_____. **Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias.** Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o bá-bé-bí-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento e alfabetização.** 1999.

_____. **Alfabetização e letramento.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos.** Pátio, 29, 2004, p. 19-22.

_____. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TEBEROSKY Ana e CARDOSO, Beatriz (Orgs). **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEBEROSKY, Ana. TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização: A aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de.; MEDONÇA, Rosa Helena (org.). **Prática de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 18-23.

ANEXOS



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Primeira Licenciatura em Pedagogia – PARFOR
Aluna: Adélia Gomes de Souza

Questionário

1 – Como você concebe alfabetização e letramento? Você acha que há diferença ou são processos complementares?

2 – Como você busca trabalhar a alfabetização e o letramento em sala de aula com seus alunos?

3 – Quais as dificuldades que você enfrenta em alfabetizar letrando?

4 – Você acha que as escolas hoje, das series/anos iniciais se preocupam em alfabetizar, letrando as crianças. Comente.



Figura 1. 1º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2014.



Figura 2. 2º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2014.



Figura 3. 3º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2014.



Figura 4. Escola Estadual de Ensino Fundamental Moacir de Albuquerque, Cuitegi-PB.
Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2014.